

"PINTAR A LUZ"

Pintura, Desenho e Gravura de Carlos Eirão

Texto de: Fernando António Baptista Pereira - Setúbal, Junho de 1995

Ao invés da prática que se tornou mais habitual na arte contemporânea, a pintura de Carlos Eirão não parte de uma superfície identificada quase sempre com o suporte sobre a qual o artista nomeia a forma por sucessivas intervenções de traço, mancha ou textura que vão cobrindo esse suporte dando corpo à obra. Carlos Eirão não faz, desfaz e nesse desfazendo a obra acontece. Como, então?

Graças a um engenhoso procedimento técnico, as telas e os desenhos de Eirão partem de uma ocultação deliberada do suporte-superfície por uma matéria espessa e quase uniforme -um enorme espaço aparentemente vazio, uma profunda escuridão que dir-se-ia desertada pela cor -ao qual o autor vai arrancando formas que emergem graças às labaredas de luz que vão nomeando o gesto, o corpo ou a expressão.

Esse trabalho de desocultação e de achamento estrutura toda a temática da pintura de Carlos Eirão, seja na subtil citação das referências -memórias de aprendizagens pretéritas da Arte e do próprio artista (os modelos da estatúária clássica. a manipulação barroca do tempo e da luz) -seja na definição dos motivos rente à emoção, no preciso instante da sua aparição.

Cada obra de Eirão é, assim, repetição e metáfora do gesto criativo primordial: tal como o Criador, ao separar a luz das trevas, o pintor enuncia as imagens roubando-as ao Nada. Mas, artificialmente, esse Vazio fora objecto, também, de um acto produtivo tão totalizador da própria experiência artística que dele o artista retira, desfazendo, como dissemos, as evanescentes figuras que a luz deixa ver.

E é nesta fusão entre experiência universal e experiência individual, que tanto singulariza a obra de Carlos Eirão, que reside o conforto e atracção exercidos pelas suas obras pintadas, desenhadas ou gravadas, ao fazer-nos reconhecer, a cada enunciação, a imanência geradora do Nada e o poder criador da luz. Luz que pinta.